

**PANEM ET CIRCENSES:
MÁXIMA ANTIGA E A CONSTRUÇÃO DE
CONCEITOS MODERNOS**

Renata Senna Garraffoni*

Abstract

*In this article, we shall discuss the famous words of Juvenal **panem et circenses** and the context in the 19th century, in which they become an important concept to the analysis of the Roman people and the gladiatorial spectacles. The argument that we will present here is part of our research on gladiatorial games and, with it, we intend to discuss how this particular image was constructed and changed in the last hundred years or so.*

Keywords: Juvenal; gladiatorial spectacles; historiography.

Resumo

Neste artigo, discutiremos as famosas palavras de Juvenal "pão e circo" e o contexto no século XIX, no qual elas se tornaram um importante conceito para a análise do povo romano e dos espetáculos gladiatoriais. O argumento que apresentaremos aqui é parte de nossa pesquisa sobre os jogos gladiatoriais e, com ele, pretendemos discutir como essa imagem em particular foi construída e mudou no último século.

Palavras-chave: Juvenal; espetáculos gladiatoriais; historiografia.

Introdução

No início da década de 1970, Roland Auguet publica, na França, *Cruauté et civilisation: les jeux romains*, um livro que, embora não tenha pretensões acadêmicas e seja voltado para um público mais geral, apresenta logo nas primeiras páginas algumas reflexões acerca dos combates de gladiadores que merecem nossa atenção. Ainda na nota preliminar, Auguet afirma que os anfitea-

* Professora Adjunta de História Antiga e Medieval do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da UFPR. Membro do Núcleo de Estudos Estratégicos (NEE) e do Centro do Pensamento Antigo (CPA) / UNICAMP.

tros, por sua magnitude e imponência, não passam despercebidos e qualquer pessoa seria capaz de explicar, ainda hoje, o tipo de espetáculo que ali ocorria.

No entanto, o autor aponta para um aspecto curioso: apesar de um considerável número de edifícios que chegaram praticamente intactos até nós e dos inúmeros vestígios de suas estruturas, poucos estudos específicos sobre os combates foram realizados. O mais comum é encontrarmos pesquisas de caráter geral que, em algum momento, mencionavam os jogos como um aspecto da vida cotidiana romana (AUGUET, 1985, p.9).

Esta característica peculiar captada por Auguet na década de 1970 instigou-nos a investigar este fenômeno mais detidamente. Percorrendo a bibliografia citada em seu livro, nota-se, rapidamente, que a base para a escrita deste trabalho está em obras gerais do século XIX e princípio do XX enquanto que as publicações mais contemporâneas consistiam em estudos sobre outros temas que aborda em sua obra. Tal constatação, que a princípio pode parecer irrelevante, é, na verdade, um detalhe significativo, pois na medida em que avançamos nossa investigação, percebemos que esta escassez de estudos mais específicos está expressa nas publicações sobre os combates de gladiadores das décadas seguintes: em quase todos os livros lançados após o seu, incluindo os dos anos de 1990, as referências à historiografia do começo do século ainda são claramente percebidas, seja de maneira direta, com citações aos grandes clacissistas do período, seja de maneira indireta, por meio dos conceitos e linhas de argumentação estabelecidas naquele momento¹. Neste sentido, considerando o perfil singular dos estudos sobre os combates de gladiadores, acreditamos que, refletindo sobre ele, seja possível conhecer um pouco mais acerca do contexto em que uma série de imagens acerca dos jogos foi cunhada.

O século XIX e a produção de conceitos interpretativos dos combates

As primeiras pesquisas sobre os combates de gladiadores surgiram dentro de um contexto em que tanto História como Arqueologia se estabeleciam enquanto *ciências*. Assim, naquele momento, os grandes estudos sobre a sociedade romana eram constituídos a partir dos métodos de pesquisas desenvolvidos pelos teóricos positivistas e, portanto, a narração do *fato* ocupava um lugar central para os historiadores, assim como a descrição dos artefatos encontrados nos sítios consistia no principal trabalho dos arqueólogos clássicos.

Este período se caracteriza, principalmente, pela grande erudição dos pesquisadores clássicos: muitos dominavam a Historiografia, Filologia grega e latina, Epigrafia, os métodos de escavação da Arqueologia, o que resultava na realização de exaustivas pesquisas publicadas como livros, catálogos de fontes² ou como verbetes das grandes enciclopédias e dicionários sobre cultura greco-latina que foram tomando vulto naqueles dias e seguem sendo referências significativas ainda atualmente (PAULY-WISSOWA, 1918; SAGLIO, 1892; SMITH, 1890).

No que diz respeito ao nosso tema em específico, os trabalhos de Mommsen (MOMMSEN, 1983), Friedländer (FRIEDLÄNDER, 1947), Meier (MEIER, 1881) e os verbetes de Lafaye (LAFAYE, 1896) e Schineider (SCHINEIDER, 1918) constituíram a base para muitos estudos que se desenvolveram posteriormente. Lafaye, ao escrever seu verbete para o dicionário francês, o elabora de maneira exaustiva; apresenta uma grande quantidade de informações que, devido a sua variedade, opta por organizar por temas. Assim, lendo suas linhas percebemos, com clareza, as diversas facetas dos *munera*, desde sua controversa origem, passando por sua estruturação durante o Império e o término, já em princípios do século V d.C. Além dos aspectos mais técnicos da instituição e da luta com espadas em si, Lafaye faz desfilar diante de nossos olhos os mais diferentes tipos de gladiadores, sua origem, as relações dentro das escolas, a morte e os cultos fúnebres, nos introduz aos *editores* (homens que organizavam os espetáculos) e aos *lanistae* (homens que negociavam gladiadores e os vendiam ou alugavam para os espetáculos).

Nas trinta páginas ilustradas que constitui seu verbete, encontramos, ainda, referências a uma grande quantidade de fontes escritas por autores da elite romana de diferentes épocas; ele menciona inúmeras inscrições, grafites, mosaicos, pinturas, objetos de uso cotidiano que contêm cenas de lutas, além de destacar os estudos e pesquisas de seus colegas contemporâneos citados linhas atrás. Seu texto, resumido aqui em poucas palavras, tem um caráter informativo, mas que não deixa de expressar a principal idéia deste autor, que é repetida e reafirmada em diferentes momentos: o combate de gladiadores não constituía um mero assassinato, mas uma luta baseada na difícil arte da esgrima.

Já o verbete escrito por Schineider para uma enciclopédia alemã é mais sucinto que o de Lafaye; no entanto, não deixa de expressar um encaideamento de idéias claro e objetivo baseado, principalmente, em Suetônio e

Cássio Dio. Assim, como Lafaye, citado por este autor com constância, Schneider também nos apresenta os meandros desta complexa instituição romana: narra os principais episódios de sua constituição, as pessoas envolvidas, os tipos de gladiadores e enfatiza o caráter militar em que as lutas estavam compreendidas.

Estes dois verbetes apresentam muitos aspectos em comum nos quais se destacam, principalmente, os argumentos lógicos e contínuos traçados por ambos, bem como o encadeamento dos principais fatos a partir de fontes escritas. Neste sentido, como faziam parte de um contexto mais geral (enciclopédia e dicionário), os verbetes são escritos de maneira a privilegiar a informação tornando-a o mais ampla possível e apresentando para o leitor uma noção panorâmica das diversas questões que envolvem o cotidiano dos *munera*.

Enquanto Lafaye e Schneider seguem sendo citados por muitos estudiosos do tema, devido à grande quantidade de dados que reúnem sobre os combates, Mommsen, Friedländer e Meier são referências importantes no campo de interpretação dos fatos mencionados. Os dois primeiros autores realizam um trabalho de fôlego sobre o Império Romano, discutindo diferentes aspectos sociais, econômicos e culturais e, no que concerne aos *espetáculos*, apresentam todas as formas possíveis de divertimento, incluindo a arena como um entre os muitos meios que a elite detinha para governar e divertir a “população ociosa” do período. Esta estratégia de análise, como veremos a seguir com mais detalhes, tornou-se um modelo interpretativo adotado por muitos clacissistas que se dedicaram ao tema.

Meier, no entanto, adota uma postura distinta de seus companheiros: dois de seus trabalhos publicados tratam, exclusivamente, das lutas de gladiadores. No artigo “Gladiatorendarstellungen auf rheinschen Monumenten”, Meier apresenta ao leitor uma série de mosaicos e lamparinas encontradas em escavações em distintos sítios arqueológicos alemães em Nennig, Trier, Colônia e Bonn. Já em sua tese *De gladiatura romana*, o autor estabelece algumas interpretações a partir do diálogo com Friedländer.

Embora cada texto destacado tenha suas particularidades e pertença a contextos específicos, algumas semelhanças entre eles saltam aos olhos e são importantes para que possamos compreender a construção de alguns tipos de interpretações que atravessaram os séculos. Em primeiro lugar, destacamos um aspecto particular que é característico destes estudos e permanece com muita força nos trabalhos posteriores: o uso de diferentes tipos de

fontes para tratar o tema. Nestes trabalhos do final do século XIX, a quantidade de fontes escritas e de objetos de cultura material mencionados chama a atenção, uma vez que esta tendência não é tão difundida em toda a historiografia clássica. Muito embora possamos questionar a maneira que a relação fonte escrita/cultura material é estabelecida por estes autores e seguida pelos pesquisadores posteriores, o fato de se utilizarem diferentes categorias documentais é significativo, em especial se considerarmos que os grafites parietais de Pompéia, por décadas descartados como fonte de estudo, são citados e comentados por muitos deles.

Em segundo lugar, percebemos também que há um constante diálogo entre esses autores mesmo que se estabeleça, em alguns momentos, de forma indireta. Além disso, a própria maneira de compor o texto serviu de modelo para muitos historiadores: a idéia de tratar os jogos como um todo, desde sua origem em Roma, em 264 a.C., até sua extinção por volta do século V d.C., a descrição com detalhes das estruturas, organização da instituição, dos tipos de armamentos e categorias de gladiadores podem ser encontradas com mais ou menos ênfase nos trabalhos que se seguiram.

Por último, no que diz respeito às interpretações propriamente ditas, Mommsen e Friedländer possuem um papel importante na elaboração de idéias que, aos poucos, foram se tornando conceitos canônicos entre muitos pesquisadores do mundo antigo. Entre elas, destacamos duas em particular: a proposição de que as lutas desempenhavam funções importantes tanto na política, para controlar e divertir a população que, em geral, era ociosa, quanto na constituição da identidade romana perante os povos bárbaros conquistados. Destas duas propostas interpretativas, iremos nos dedicar, neste artigo, a discutir a primeira, pois, no que concerne aos *munera*, talvez seja esta que tenha se arraigado com mais força, não só nos meios acadêmicos, como também entre o público geral não especializado.

Panem et Circenses

Se prestarmos atenção em nosso cotidiano, não é difícil percebermos como a idéia de *Pão e Circo* saiu da academia e se enraizou no senso comum. No filme *Gladiator*, dirigido por Ridley Scott em 2000 e sucesso internacional, por exemplo, esta idéia surge com muita força: a produção hollywoodiana e sua divulgação em grande escala fizeram com que os jogos romanos atravessassem o cotidiano das pessoas em diferentes países do mun-

do e modelos interpretativos mais antigos foram retomados para se explicar a cultura romana e a particularidade de tais espetáculos.

Entre os vários textos produzidos ou traduzidos pela mídia para alcance de um amplo público, um chamou a nossa atenção em particular. Na edição de abril de 2001 da Revista *Super Interessante* da Editora Abril, isto é, pouco tempo depois das premiações e “Oscars” recebidos pelo filme, foi publicado um artigo intitulado *A Verdade sobre Gladiador* (GEHRINGER, 2001, pp.84-89).

Muito bem produzido, com imagens do filme e procurando contextualizá-lo entre os grandes épicos de Hollywood sobre o Império Romano, o artigo tinha um objetivo central explícito: separar o que era “verdade” do que era “ficção” na versão de Ridley Scott. Ao lado de aspectos classificados de “curiosidades”, como o significado da tatuagem no braço do protagonista ou as vestimentas e armas usadas pelos gladiadores, o autor destaca uma a uma o que seriam as “ficções” do filme. Entre elas está um erro de produção em que um personagem chama o *Amphiteatrum Flavium* de Coliseu (nome que só receberia séculos depois) e o fato de Máximo, assim como outros personagens do filme, não ter existido.

Já no campo das “verdades”, encontram-se os fatos e os acontecimentos, como, por exemplo, quando viveu Cômodo, se ele lutava ou não na arena e os prováveis motivos para isto, quem era o imperador Marco Aurélio, se foi assassinado ou não pelo filho e a sua relação com o estoicismo. Dentro desta perspectiva de “verdade”, o autor apresenta uma definição para a origem e o desenvolvimento dos jogos:

Mas de onde vieram os gladiadores que dão nome ao filme? Bom, a palavra em si veio de gladius, “espada” em latim. E os duelos para ver quem era o melhor, o mais forte, ou o mais capacitado a sobreviver, vêm desde os tempos em que ainda andávamos de quatro patas pela Terra. Foram os gregos, há mais de 3000 anos, que oficializaram os combates armados como uma espécie de diversão pública e deram origem aos Jogos Olímpicos.

Os romanos barbarizaram o que antes era só um esporte ao obrigar os contendores a lutar não só pela glória, mas pela vida (...). A teoria dos organizadores era maquiavélica: enquanto o povo estivesse ocupado vendo combates sangrentos não se preocuparia com outras coisas, como uma revolução. No início, os gladiadores eram soldados condenados à morte, normalmente por traição e deserção. Em vez de executá-los, os impera-

dores tiveram a idéia de deixar que eles se executassem, o que ainda tinha uma vantagem de divertir o público (GEHRINGER, 2001, p.89).

Estes dois parágrafos se localizam quase no final da reportagem, como uma última palavra sobre o que consistiam os jogos. Se considerarmos que esta descrição encontra-se na seção de *História* de uma revista de divulgação de boa circulação entre o público jovem, não se pode menosprezar a força do argumento no momento da constituição de opiniões sobre o assunto. Mesmo que não seja uma exaustiva pesquisa historiográfica, o uso do termo “verdade” em oposição ao “ficção” autoriza o discurso e exprime de uma só vez uma série de preconceitos sobre a sociedade romana que ainda circula com vida: a idéia do romano que deturpava ou copiava a elaborada cultura grega e o conceito de plebe ociosa que se divertia com espetáculos sangrentos. Estas idéias, aliadas a uma terceira na qual somente os cristãos eram mortos na arena, constituem uma imagem muito forte de decadência, perversão e violência presente na mídia em geral e acabam por formar um quadro negativo da sociedade romana.

Neste sentido, o artigo da *Super Interessante*, mesmo que tenha um caráter informativo e de divulgação do filme norte-americano, não é neutro, isolado e tampouco singular, pois constitui desdobramentos ou ressignificações de interpretações que se formaram no meio acadêmico ao longo dos séculos XIX e XX e que ainda fazem sentido no início do XXI.

Muito embora o trecho destacado seja construído com o uso de expressões de efeito como “maquiavélico” ou “os romanos barbarizavam o que antes era só um esporte”, características de interpretações que se tornariam mais difundidas a partir dos anos de 1940, a idéia de divertir o público e mantê-los afastados da vida política, base do argumento apresentado, já estava presente em textos de Mommsen.

Nas últimas décadas do século XIX, momento em que Mommsen pesquisara e vivera, predominavam entre os clacissistas interpretações que visavam ressaltar a grandiosidade do Império romano. É neste contexto, por exemplo, que se desenvolve o conceito de Romanização, isto é, a idéia de Roma como um centro que irradiava cultura e domínio no mundo que conquistara³. Em outras palavras, em uma época de expansão dos ideais neocolonialistas, a violência e o sangue derramado nas arenas não chamavam tanto a atenção dos pesquisadores, como veio ocorrer décadas mais tarde; toda a ênfase recaía, portanto, sobre a função política que os combates desempenhavam dentro do Império.

Neste sentido, Mommsen, um pesquisador vinculado aos ideais liberais e burgueses de sua época, expressa de maneira clara sua postura nas páginas da obra *O Mundo dos Césares*. Ainda no primeiro capítulo, em um item em que se dedica a analisar os *ricos* e *pobres* que viveram em finais da República e início do Império, tece duras críticas ao *ócio* romano. Com relação à aristocracia, o autor destaca o excesso de luxo como ponto central de seus ataques ao tempo livre que os membros da elite detinham; já no que concerne aos *pobres*, estes são apresentados ao leitor como eternos freqüentadores de tavernas, lupanares, arenas e teatros. Leiamos suas palavras:

*O plebeu romano preferia estar horas inteiras olhando com a boca aberta o teatro a trabalhar; as tavernas e os lupanares eram tão freqüentados que os demagogos exploravam, a seu gosto, os proprietários destes estabelecimentos para seu próprio proveito. Os jogos de gladiadores, que revelavam e nutriam a mais espantosa desmoralização do mundo antigo, eram negócios tão florescentes que, somente com a venda de seus programas, poderiam realizar-se consideráveis fortunas e neles se introduziram, nesta época, uma horrível inovação que não era a lei do duelo em que o vencedor decidia pela vida ou morte do vencido, mas sim o capricho dos espectadores, que por meio de um sinal, o triunfador perdoava ou atravessava com a espada o derrotado estendido a seus pés. O ofício de gladiador havia subido tanto quanto havia baixado o preço da liberdade, que a temeridade e a coragem, tão ausentes dos campos de batalha nesta época, brilhavam esplendorosamente entre os combatentes da arena, onde a lei do duelo exigia que o gladiador se deixasse matar sem tremer ou exalar um gemido, sendo, além disso, feito freqüente o caso de um homem livre se vender ao empresário do circo como escravo gladiador pela comida e dinheiro. Os povos do século V também haviam padecido de fome e miséria, mas jamais chegaram a vender sua liberdade e, muito menos, havia sido encontrado um jurista que se prestasse a reconhecer como válido e possível, ante os tribunais, por meio de subterfúgios jurídicos, contratos contrários à moral e à lei como aqueles em que os gladiadores se obrigavam a deixar-se prender, açoitar, queimar ou matar sem defender-se, se assim exigissem as normas do circo (MOMMSEN, 1983, p.41).*⁴

Embora o autor não cite a consagrada expressão “o povo romano vivia de pão e circo”, a idéia de plebe ociosa, desinteressada pelo trabalho e amante dos espetáculos está intrínseca ao comentário inicial de seu texto.

Para além disso, seu argumento acerca dos combates em si se desenvolve de uma maneira singular: Mommsen recrimina as lutas a partir de um ponto de vista distinto, isto é, a crueldade não estava no sangue derramado, mas, sim, no fato de o gladiador ser obrigado a abrir mão de seu maior valor, a liberdade. Submeter-se a torturas e à arena em troca de comida e dinheiro é visto pelo autor como algo inconcebível, assim como o fato de muitos populares assistirem e participarem de diferentes categorias de espetáculos.

Já Friedländer, contemporâneo de Mommsen, é mais explícito a esta questão do *pão e circo* em seu livro. Diferentemente de seu companheiro que menciona os combates *en passant*, se consideramos a proporção da obra citada, Friedländer escreve um texto mais longo no qual expõe seus argumentos e interpretações acerca dos espetáculos como um todo e das lutas em particular. De acordo com este autor, não se pode fazer um quadro completo da cultura romana sem um amplo estudo dos espetáculos, pois eles podem oferecer caminhos e elementos para que possamos conhecer distintos aspectos da situação moral e espiritual que pairava nos idos do Império. Neste período, os espetáculos encontravam-se em um momento de ressignificação, uma vez que já tinham perdido seu caráter religioso inicial e se tornavam um instrumento de manobra política para que a aristocracia pudesse ganhar as graças do *povo* romano. Esta interpretação já aparece nas primeiras páginas em que se dedica aos estudos dos espetáculos:

Mas chegou a um momento em que os espetáculos não dependiam mais da boa vontade ou do capricho dos imperadores. Converteram-se, desde muito cedo, em uma necessidade obrigatória da Roma imperial. Entre a população da capital predominavam as massas despossuídas, uma turba mais brutal, mais grosseira e mais corrompida que a das capitais modernas, pois em nenhuma parte e nem em nenhuma época do mundo chegou a concentrar-se a luz de todas as nações como na de Roma de então, uma vez que era, além disso, duplamente perigosa, pois estava formada em grande parte por gente ociosa. O governo cuidava de seu sustento mediante grandes distribuições periódicas de trigo e, como consequência, via-se também obrigado a cuidar de seu tempo livre, oferecendo distrações para entreter sua ociosidade. (...) As conhecidas palavras – panem et circenses – nas quais Juvenal resume o ideal que ia se reduzindo às aspirações de um povo que em outra época detinha um poder supremo e conferia a tudo, autoridade, períodos, legiões, em uma palavra, todo o poder do

Estado não era, evidentemente, mas que a repetição de uma frase conhecida e que circulava, portanto, como dito proverbial (FRIEDLÄNDER, 1947, p.498).

Este trecho indica uma visão depreciativa das camadas inferiores romanas: o uso de termos como “massa” e “turba” para se referir aos populares, aliados a adjetivos como “grosseira”, “brutal”, “corrompida”, além de tornar estas pessoas um amontoado homogêneo, produz uma imagem negativa em que milhares de indivíduos eram vistos como um todo único ocioso que preferia o circo ao trabalho. Neste contexto, a maneira como o autor interpreta a expressão latina *panem et circenses* produz uma poderosa imagem em que o estado, devido à ociosidade da população, deveria se encarregar de garantir seu sustento, distribuindo alimentos e organizando mais espetáculos, para evitar tumultos causados por uma grande quantidade de pessoas sem atividades o dia todo⁵.

Mas quais seriam as origens desta máxima que condenou os romanos a eternos parasitas do Estado? A frase citada por Friedländer se encontra em uma das *Sátiras* de Juvenal. Sobre a vida deste autor latino pouco se sabe com segurança. Muitos estudiosos modernos têm investigado seus dados biográficos, mas as informações são dispersas e, muitas vezes, confusas. Acredita-se que Juvenal tenha nascido em Aquino, entre os anos de 62 a 67 d.C., vindo a falecer por volta de 130 d.C.⁶.

De família aristocrática, dedicou-se à retórica e ao exército, chegando, inclusive, a ocupar alguns cargos políticos. Conta-se que em um momento de sua vida, quando Juvenal já não era mais tão jovem, teria perdido *status* e dinheiro, vivendo como cliente: situação que muitos estudiosos interpretaram como motivo para o pessimismo expresso em seus escritos.

É bem provável que sua primeira publicação tenha sido feita no ano de 110 d.C.; no entanto, a *Sátira* que contém a expressão em questão é posterior: acredita-se que tenha sido publicada por volta de 128 d.C., o que, segundo Balasch, é um forte indicativo de que Juvenal escreveu seus versos em idade avançada e não em sua juventude. Este estudioso afirma ainda que a originalidade da poesia de Juvenal consiste em sua grande capacidade de elaborar sínteses poderosas de elementos tradicionais e de seu cotidiano (JUVENAL, 1991, p.46/introdução). Embora a obra de Juvenal se insira em um gênero literário há muito tempo considerado por classicistas como tipicamente romano, isto é, a *Sátira*, sua particularidade está no fato de apresentar uma

visão pessimista da sociedade romana que, muitas vezes, beira o trágico: Juvenal descreve um mundo desde a aristocracia até as camadas mais populares da sociedade romana e altera graça com um humor picante, chegando em alguns momentos a expressar toda sua fúria e ira.

Por descrever inúmeras situações cotidianas nos seus detalhes mais íntimos, o texto de Juvenal se tornou uma referência importante para os estudiosos modernos que buscavam informações acerca dos baixos estratos sociais romanos. Friedländer não foi uma exceção: em diversos momentos que descreve a *plebs*, o faz de maneira que ecoa os textos de Juvenal. Neste sentido, acreditamos que seja possível argumentar que este autor recolheu uma idéia dos textos de Juvenal e a transformou em ferramenta para interpretar e entender a sociedade romana na Antiguidade.

Qual seria então esta máxima usada por Friedländer em sua análise? No início da *Sátira X*, Juvenal diz:

Iam pridem, ex quo suffragia nulli vendimus, effudit curas; nam qui dabat olim imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se continet atque duas tantum res anxius optat, panem et circenses (JUVENAL, *Sátiras X*, 75-80).

Há muito tempo, desde quando não vendemos mais os votos, [o povo] vertia as preocupações, pois em uma outra época concedia comando, honras, legiões, tudo. Agora se limita e deseja ansioso duas coisas: pão e circo.

Deslocado de seu contexto, a máxima de Juvenal nos remete à tentadora possibilidade de interpretar os romanos como desinteressados pelos acontecimentos políticos a sua volta e amantes dos prazeres de fácil acesso. No entanto, se recorrermos à *Sátira X* em si percebemos uma situação muito distinta: nesta sátira Juvenal elabora uma dura crítica àqueles que vão ao templo pedir aos deuses riqueza, glória, beleza e juventude.

Para estabelecer esta crítica, Juvenal compõe seu texto estereotipando ao máximo as características destas pessoas, pois, segundo seu argumento, as pessoas que pediam isto estariam se condenando, uma vez que riqueza, glória, juventude sempre acabariam gerando inveja e levariam a um fim trágico. Neste sentido, inicia narrando a história de Seiano, um pretoriano da época de Tibério que, ao conseguir acumular uma grande riqueza, aca-

bou traído e morto. Seu corpo fora arrastado no meio da multidão, esta que Juvenal deprecia e descreve como amante de *pão e circo*. Que humilhação maior poderia haver para o corpo de cidadão romano que ser arrastado entre aqueles de mais baixa categoria social? Esta descrição detalhada compõe uma imagem poética de grande força moral, pois ao mesmo tempo que Juvenal degrada a figura de Seiano, também o faz com as camadas populares romanas.

Se nos atentarmos para o texto em questão, Juvenal utiliza uma série de advérbios como *iam pridem*, *olim* ou *ex quo*, aqui traduzidos como *desde*, para indicar com clareza que houve um tempo em que o *populus* tinha uma série de preocupações, entre elas a capacidade de governar e liderar, características esperadas de um cidadão romano de virtude. Para isto usa o verbo *dare* em um sentido de *conceder* ou *dar ordens* e termos significativos, como *imperium* (autoridade, comando) ou *fasces*, que apresentam um sentido simbólico, consistindo em algumas varas atadas que os litores levavam ante os pretores como insígnia de poder e autoridade. Em um jogo de imagens, diante de um pretor morto e humilhado caminhava um povo apático que, no momento, vivia ansioso e só podia desejar *pão e circo*.

Este recurso literário e os jogos de imagens criam um lugar para o riso e não deixam de expressar o desprezo do autor por aqueles que se dirigiam aos deuses com ambição. Esta estratégia narrativa é usada em todo o desenvolvimento da sátira. Para Juvenal, outro erro cometido por muitos jovens é pedir aos deuses uma vida longa. Seu castigo por este desejo é estar condenado à velhice, tendo que roer o pão duro quando não se tem mais dentes ou ser humilhado diante de uma meretriz por não conseguir uma ereção.

Esta segunda parte ocupa várias linhas do poema, e são descritas com muito humor situações em que o *senex* não tem mais controle sob suas funções corporais, incluindo a perda de memória e a dependência aos demais. De uma maneira resumida, pode-se dizer que o conteúdo da sátira é uma crítica ferrenha àqueles que se dirigem aos deuses com pedidos considerados por ele como vãos. Tanto é assim que, ao terminar a sátira, Juvenal oferece ao leitor um conselho: peça aos deuses por virtude e terá uma vida tranqüila (JUVENAL, *Sátiras* X, 364).

Neste sentido, podemos supor que a imagem degradada da *plebs* se encontra em um contexto mais amplo para compor um texto ao mesmo tempo divertido e moral. Assim, acreditamos que a crítica de Juvenal não está no *otium*, valor que era apreciado pela aristocracia da qual faz parte, mas,

sim, nos prazeres mundanos que, em excesso, impedem o cidadão de ter participação ativa em seu universo social.

No entanto, no século XIX, quando Friedländer emprega o trecho de Juvenal para analisar o aspecto cultural desta sociedade, o faz a partir de sua experiência, ou seja, em um contexto de desenvolvimento capitalista em que se valoriza ao máximo o trabalho e apresenta-se o *otium* como uma potencial ameaça à ordem estabelecida. A própria maneira como o pesquisador alemão elabora seu texto é uma expressão desta idéia, pois compara os marginalizados romanos com os modernos e considera os primeiros mais perigosos por constituírem uma maior quantidade de pessoas ociosas. Assim, embora empregue a mesma palavra latina, seu significado é outro, uma vez que indica mais uma preocupação moderna com o desemprego e as revoltas que acometiam as cidades daquele momento do que com o conceito romano em si.

Sob este ponto de vista é possível afirmar que Friedländer, assim como muitos de seus companheiros do século XIX, analisa a expressão de Juvenal a partir de sua ótica burguesa e sua vivência cotidiana, generalizando, portanto, uma imagem satírica antiga e convertendo-a em uma categoria analítica que, aos poucos, foi se cristalizando na historiografia como um conceito.

Desdobramentos do conceito

Esta idéia de plebe ociosa semeada em finais do século XIX se fortalece nos anos 1940/50. Entre as várias obras de historiadores renomados que foram traduzidas para o português, exemplos desta tendência não faltam. J. Carcopino, ao escrever *Roma no apogeu do Império* (CARCOPINO, 1990), para uma coleção francesa sobre História da Vida Cotidiana, expressa esta visão de forma contundente. Esta obra, detalhada e escrita a partir de diversos documentos, segue os padrões que destacamos linhas acima, pois procura fornecer ao leitor um panorama geral sobre o que era viver e morrer em Roma.

A maneira como o historiador elabora seu discurso acaba dividindo o Império em duas categorias distintas: a elite detentora de sabedoria e riqueza e a plebe pobre e desocupada que se aglomerava nos espetáculos. Neste sentido, Carcopino desenvolve seus argumentos a partir de uma documentação que enfatiza o modo de vida da elite e constrói o cotidiano romano com base em uma clara oposição binária, pois destaca a beleza exuberante da *Vrbs*, seus amplos edifícios públicos e as enormes *domus* em contraposição

às ruas tortas e pouco iluminadas nas quais se localizavam as *insulae*, isto é, abrigos verticais onde vivia a população mais humilde.

Embora mencione as camadas populares com bastante freqüência, o quadro que desenha é desfavorável; fala sempre em sujeira, incêndios, roubos, falta de segurança e de higiene entre as habitações⁷. Esta situação, segundo Carcopino, era extremamente incômoda para a elite romana, pois favorecia a organização de revoltas. De acordo com suas próprias palavras:

Um povo que boceja está maduro para a revolta. Os césores romanos não deixaram a plebe bocejar, nem de fome nem de tédio. Os espetáculos foram a grande diversão para a ociosidade dos súditos e, por conseguinte, o instrumento seguro de seu absolutismo (CARCOPINO, 1990, p.248).

Neste sentido, os espetáculos em geral e as lutas de gladiadores em específico, ao lado da distribuição de alimentos, teriam um papel bem definido: o de manter a população romana ocupada e satisfeita, evitando, assim, a possibilidade de qualquer tipo de conflito. A partir desta afirmação, percebe-se que o cotidiano traçado pelo historiador também reforça a representação dos romanos como pessoas sem atividades, marginalizadas e apreciadoras de divertimentos exóticos, como os espetáculos que ocorriam nas arenas. A inovação de Carcopino, que o diferencia dos colegas precedentes, está no argumento que segue o desenvolvimento de seu texto, isto é, este quadro caótico e sanguinolento só viria a melhorar no final do Império com a chegada do cristianismo, religião que salvaria o *povo* desta vida profana, nefasta e violenta⁸.

Outro autor que segue esta linha interpretativa é Pierre Grimal. Na obra *A vida em Roma na Antigüidade* (GRIMAL, 1981), Grimal também nos apresenta um estudo nos moldes cunhados pelos pesquisadores do século XIX: seu livro é uma grande síntese da História de Roma, inicia na época de sua fundação e se estende até o declínio do Império enfatizando a expansão e as conquistas militares. A estratégia de análise adotada está ligada à supremacia das táticas de guerra, pois percebemos, em seu argumento, que as mudanças culturais estão vinculadas ao contato com outros povos. Assim, a partir da conquista, os romanos teriam adquirido experiências novas e transformaram os povos bárbaros, civilizando-os (GRIMAL, 1981, p.12).

Ao traçar a História de Roma tendo como ponto de partida a organização militar, Grimal incorpora os valores da elite como se fossem naturais, encontrando poucos elementos para tratar as camadas populares, uma vez que estes quase não aparecem em suas fontes. O interessante aqui é que, quando

menciona o assunto, desenvolve um argumento muito semelhante ao de Carcopino, ou seja, os pobres, gladiadores, bandidos, salteadores, escravos, enfim, os marginalizados, estão todos aglomerados sob o rótulo de povo e aparecem relacionados: os bandidos que cometiam crimes brutais eram condenados à arena e lutavam como gladiadores para divertir a população que, em geral, vivia desocupada e adorava tais espetáculos sangrentos.

A partir desta afirmação verifica-se, portanto, mais uma vez frutos desta idéia de uma população romana como massa amorfa, homogênea e sem vontade própria, comandada indistintamente pela elite detentora de recursos para diverti-la e alimentá-la. Tal interpretação, que perpassou décadas de historiografia, atingiu seu auge com o conceito de *evergetismo* cunhado por Paul Veyne, em seu livro *Le Pain et le cirque* (VEYNE, 1990a), cujo original possui cerca de oitocentas páginas e explora mais de mil anos de História entre Grécia e Roma.

Esta obra de fôlego pertence à tradição francesa de História total e, conseqüentemente, se estrutura a partir de um método interdisciplinar, encontrando-se nos limites entre a Sociologia e a História: sua grande fonte de inspiração é Max Weber e, por isso, Veyne faz uso constante de suas categorias de análise, como, por exemplo, *tipo ideal*. De acordo com suas próprias palavras, *evergetismo* é um neologismo cunhado a partir do termo grego *euergetein* e consiste em:

(...) uma manifestação de uma “virtude ética”, de uma qualidade de caráter, denominada *magnificência* (VEYNE, 1990a, p.14).

A partir desta definição, Veyne apresenta o *evergeta* como sendo um magnificente, isto é, um notável, um nobre que dispunha de meios materiais suficientes para doar a sua cidade diferentes *presentes* sem receber nada por isto. Tais *presentes* variavam desde banquetes para seus convidados até edifícios públicos ou espetáculos para toda a população. Esta concepção de *doação* se tornou um conceito importante entre os estudiosos de História econômica, pois questionava interpretações mais tradicionais em que a economia romana era primitiva se comparada com os padrões capitalistas, particularizando-a e não menosprezando sua diferença. Se pensarmos sob este ponto de vista e ainda incluirmos o fato de que Veyne tece longos comentários justificando que, embora os jogos sejam proporcionados pela elite eles não despolitizam o “povo”, uma vez que se configura em um espaço de confronto com o Imperador, o *evergetismo* de Veyne se constituiu, portanto, em um conceito amplo muito empregado para o estudo de diversos aspectos no mundo romano.

A idéia de *pão e circo*, recuperada do século XIX⁹ e ressignificada nos textos de Veyne, encontrou nos estudos sobre os espetáculos um campo fértil e muitos classicistas dos anos de 1980/90, inclusive os brasileiros¹⁰, fizeram uso em abundância desta concepção, pois indicava uma explicação aceitável para os combates, além de abrir espaço para que estes classicistas questionassem a imagem já consagrada da *plebs* totalmente alheia à vida política. Em outras palavras, em alguns estudos que seguiram o de Veyne aceita-se a idéia de a elite proporcionar jogos ao *povo* romano; no entanto, a ênfase não está mais na ociosidade dos populares, como era comum no século XIX, ou na crueldade, expressa nos textos de Carcopino, Grimal ou Grant e outros trabalhos que foram elaborados após a II Guerra Mundial, mas, sim, na possibilidade de manifestação política, isto é, na transformação da arena em um local de reivindicações das necessidades populares.

Muito embora ao cunhar o conceito Veyne se preocupe em realçar sempre a politização dos espetáculos, ao defini-lo a partir de bases weberianas, a idéia de função segue sendo um dos pontos fortes do argumento, isto é, percebe-se na interpretação um desejo de explicar o fenômeno, dar-lhe significado político, mas o controle e a ordem prevalecem: o contato povo/imperador era fundamental no processo, as pessoas se manifestavam, mas a soberania do *Princeps* não era maculada e este seguia em seu domínio e reforçava sua autoridade, questionada algumas vezes pelo Senado (elite) e aceita pela *plebs*¹¹.

Neste sentido, o argumento em si já estabelece limites para a participação das pessoas e isto é perceptível quando Veyne o aplica no artigo "O Império Romano" escrito para a coleção *História da Vida Privada* (VEYNE, 1990b, pp.19-223). Neste artigo, Veyne trata, exclusivamente, da elite romana e estabelece a riqueza como critério e ponto de partida para sua análise. Os pobres, libertos e escravos, quando aparecem, são descritos como sujeitos que precisam ser constantemente vigiados e uma boa maneira de mantê-los sob controle seria por meio do trabalho. Trabalhar, nesta interpretação, significa, simplesmente, um meio para manter as pessoas ocupadas e não perturbar criminosamente as instituições. Neste contexto, os espetáculos na arena viriam completar esta estratégia de controle; serviam para preencher os momentos de lazer, evitando qualquer tipo de conflito que pudesse perturbar a ordem estabelecida.

Esta estratégia de controle, que seria o evergetismo, é a base de sua argumentação e a análise da sociedade romana desenvolvida é estruturada em uma idéia na qual tudo possui um lugar e função determinada: os jogos serviam para manter a população ocupada e, ao mesmo tempo, fornecia *status* a quem os havia proporcionado.

Assim, apesar das nuances mencionadas, o argumento de manipulação das massas pela elite ainda é perceptível. Sob este ponto de vista, embora o conceito tenha sido elaborado em um momento de questionamento de aspectos tradicionais da História econômica e seja muito apreciado entre os classicistas contemporâneos¹², acreditamos que apresenta uma limitação que não pode deixar de ser mencionada: a excessiva generalização.

Se atentarmos para a maneira como apresentamos o conceito e, inclusive, para as próprias expressões de Veyne citadas *ipsis litteris*, notamos a constante repetição de palavras como *plebs*, *povo*, em oposição a *Senado*, *elite*. Como o próprio autor define sua análise a partir de *tipos ideais* weberianos, nos deparamos com categorias que aprisionam a diversidade étnica, de relações sociais e de gênero sobre a qual a sociedade romana era constituída. Outro aspecto ofuscado por esta interpretação é o dinamismo que os espetáculos possuem nos distintos séculos: a cada momento a sociedade se relacionava de maneira diferente com os eventos que presenciavam e esta particularidade praticamente desaparece do texto de Veyne¹³.

Para além dessas duas ressalvas, uma terceira faz-se necessária. Nesta visão em que se privilegia a função política dos espetáculos, os gladiadores raramente são citados, aspecto curioso se pensarmos que eram os protagonistas dos combates. Sob este ponto de vista, da mesma maneira que os espectadores são transformados em um coro único de vozes, os gladiadores, de personagens centrais são reduzidos a coadjuvantes, quando não são esquecidos por completo.

Considerações finais

A idéia de *pão e circo* em seus diversos contextos interpretativos ou o próprio conceito de *evergetismo* proporcionou, em nossa opinião, uma valorização de um único aspecto dos *munera*, isto é, o político, em detrimento de outras possibilidades. Uma série de imagens acerca deste fenômeno particular da cultura romana de difícil compreensão para a sociedade moderna até hoje foi sendo construída e transformada, enquanto outras, esquecidas. Falamos de ociosidade, parasitismo do Estado, violência, prazeres profanos e nefastos, politização das arenas, mas pouco se comentou sobre o cotidiano destes homens e mulheres que combateram nas arenas romanas, o que nos leva a pensar nos limites desta linha de interpretação que aprisiona sujeitos impedindo que sejam agentes de sua História.

Como já afirmava Weeber em princípios dos anos 1980, após os diversos estudos sobre o mundo romano é praticamente impossível imaginar todo um Império, nas proporções que adquiriu o romano, formado por uma gigantesca massa apática, mendicante e ociosa¹⁴. Muitos estudos, de diferentes correntes de pensamento, têm expressado, nos últimos vinte anos, as nuances e os meandros do cotidiano popular romano, ressaltando sua riqueza cultural e étnica, buscando caminhos de análises alternativos que têm feito com que repensemos muitos dos conceitos empregados para a interpretação das relações entre estes homens e mulheres anônimos que circulavam pelas arenas, ruas, comércios, templos romanos e que compunham esta complexa malha social¹⁵.

Neste sentido, nossa leitura acerca dos combates de gladiadores insere-se em um contexto que procura meios alternativos para ouvir as vozes dispersas desses *infames*, para entrar no cotidiano das arenas e pensar em caminhos menos totalizantes para o estudo das camadas populares. Para tanto, como já dizia Sabbatini Tumolesi, de nada adianta aproximarmos dos *munera gladiatoria* com um olhar repleto de preconceitos ou sensibilidades modernas e, simplesmente, taxá-los de cruéis e violentos (SABBATINI TUMOLESI, 1980). Por serem parte de uma cultura plural como a romana, os combates, em nossa opinião, devem ser estudados em seu contexto, considerando os diversos fios que compõem a rede de relações a que eles pertenciam. Neste sentido, por ser um fenômeno que atravessou séculos de História romana, não negamos sua faceta política, mas enfatizamos que o fato de o aparato para sua concretização estar nas mãos de magistrados não necessariamente implica em aprisionar público e os protagonistas dos espetáculos em categorias estáticas que impeçam suas ações como sujeitos históricos. Buscar estratégias alternativas para ouvir as vozes de seus protagonistas é, no momento, nosso maior desafio.

Agradecimentos

A realização destas reflexões foi possível graças à pesquisa em diferentes bibliotecas européias financiada pela FAPESP (processo nº 99/11336-0) de fevereiro a agosto de 2002. Sou profundamente grata ao apoio do Dr. José Remesal (Universidad de Barcelona), dos membros do CEIPAC dirigido pelo mesmo e também ao auxílio do Dr. Xavier Drupé (Vice-diretor da Escola Espanhola de História e Arqueologia em Roma), do Dr. Géza Alföldy (Diretor do Seminar für Alte Geschichte em Heidelberg) e da Dra. Heike Niquet, professora na Universität

Heidelberg. Agradeço também ao Dr. Pedro Paulo Funari, pela orientação e apoio à pesquisa durante o doutorado e aos seguintes colegas pelas inúmeras conversas ao longo destes anos: Dr. Antonio Aguilera, Dr^a Regina Bustamante, Dr. André Chevitarese, Dr^a Lourdes Feitosa, Dr^a Norma Musco Mendes. Todas as responsabilidades pelas idéias expressas recaem somente sobre a autora.

Documentação textual

- JUVENAL; PÉRSIO. *Sátiras*. Trad. M. Balasch. Madrid: Gredos, 1991.
JUVENAL. *Satire*. Trad. E. Barelli. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1998.

Obras de referência

- LAFAYE, G. Gladiador. In: SAGLIO, M. E. (org.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romains*. t. II. Paris: Librairie Hachette, 1896, pp.1563-1599.
PAULY-WISSOWA (org.). *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. Stuttgart: s/e, 1918.
SAGLIO, M. E. (org.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romains*. Paris: Librairie Hachette, 1892.
SCHNEIDER, K. Gladiatores. In: PAULY-WISSOWA (org.). *Real-Encyclopädie der Classischen Altertumswissenschaft*. supplementband III. Stuttgart, s/e, 1918, pp.760-784.
SMITH, W. *et al.* *A dictionary of Greek and Roman Antiquities*. London: William Clowes and Sons, 1890.

Bibliografia

- GEHRINGER, M. *A verdade sobre Gladiador*. SUPER INTERESSANTE 15 (4): 84-89, abr. 2001.
ALFÖLDY, G. *A história social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
ALMEIDA, L. S. *Poder e política nos espetáculos oficiais de Roma Imperial*. CLÁSSICA vol. 9/10: 132-141, 2000.
AUGUET, R. *Crueldad y civilización: los juegos romanos*. Barcelona: Orbis, 1985.

- CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CORASSIN, M. L. *Edifícios de espetáculos em Roma*. CLÁSSICA vol. 9/10: 119-131, 2000.
- ECK, W. *Der Euergetismus im Funktionzusammenhang der Kaiserzeitlichen Städte*. In: ACTES DU XE CONGRÈS INTERNATIONAL D'ÉPIGRAPHIE GRECQUE ET LATINE. Paris: Publications de la Sorbonne, 1997, pp.305-331.
- FAVERSANI, F. *A pobreza no Satyricon de Petrónio*. Ouro Preto: Ed. UFOP, 1999.
- FRIEDLÄNDER, L. Los espetáculos. In: _____. *La sociedad romana – Historia de las costumbres en Roma, desde Augusto hasta los Antoninos*. Madrid: Fondo de la Cultura Económica, 1947, pp.497-519 e 546-606.
- FUNARI, P. P. A.. *Cultura Popular na Antigüidade Clássica*. São Paulo: Contexto, 1989.
- GRANT, M. *Gladiators*. London: The Trinity Press, 1967.
- GRIMAL, P. *A vida em Roma na Antigüidade*. Sintra: Publicações Europa-América, 1981.
- HINGLEY, R. Imagens de Roma: uma perspectiva inglesa. In: FUNARI, P. P. AA. (org.). *Repensando o mundo antigo – Jean-Pierre Vernant e Richard Hingley*. Campinas: IFCH / UNICAMP, 2002. (Textos Didáticos, 47)
- HINGLEY, R. The 'legacy' of Rome: the rise, decline and fall of the theory of Romanization. In: WEBSTER, J.; COOPER, N. (orgs.). *Roman Imperialism: post-colonial perspectives*. Leicester: School of Archaeological Studies of University of Leicester, 1996, pp.35-48. (Leicester Archaeology Monographs, 3)
- HINGLEY, R. *Roman Officers and English Gentlemen – the imperial origins of Roman Archaeology*. London: Routledge, 2000.
- MEIER, J. P. *De gladiatura romana (Dissertatio)*. Bonn: s/e, 1881.
- MEIER, J. P. *Gladiatordarstellungen auf rheinschen Monumenten*. Bonn: s/e, s/d.
- MOMMSEN, T. *El mundo de los Cesares*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- MOURATIDIS, J. *On the origin of the gladiatorial games*. NIKEPHOROS, nº 9, pp.111-134, 1996.

- SABBATINI TUMOLESI, P. L. *Gladiatorum paria: annuci di spettacoli gladiatorii a Pompei*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1980.
- VEYNE, P. *Bread and circus: Historical Sociology and political pluralism*. London: The Penguin Press, 1990a.
- VEYNE, P. O Império Romano. In: ARIËS, P., DUBY, G. (org.). *História da vida privada*. v. 1: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b, pp.19-223.
- WEEBER, K.-W. *Panem et circenses: Massenunterhaltung als Politik im antiken Rom*. Mainz am Rhein: Philipp von Zabern, 1994, p.166.
- WOOD, E. M. *Peasant, citizen & slave – the foundation of Athenian democracy*. London: Verso, 1988.

Notas

¹ Esta escassez de estudos sobre diversos aspectos relacionados aos *munera* é ressaltada por J. Mouratidis em um artigo recente sobre a questão da origem dos combates. O autor admite que este é um tema controverso, pois há poucas fontes que tratam do assunto, mas, apesar das dificuldades, tece comentários instigantes e polêmicos sobre o assunto e, devido à falta de interlocutores destacada por ele, sua base de diálogo consiste em um trabalho de Ville dos anos de 1950 (MOURATIDIS, 1996, pp.111-134).

² Um exemplo deste tipo de catálogo é *CIL – Corpus Inscriptionum Latinarum*, publicado e atualizado desde 1871 e consiste em uma fonte de valor inestimável para todos os pesquisadores do mundo clássico que investigam temas a partir das inscrições latinas.

³ Este tema da romanização possui, ainda hoje, inúmeros seguidores entre os classicistas. No entanto, alguns estudiosos do mundo anglo-saxão tem se dedicado a questionar esta categoria de análise, contextualizando-a como produto de uma literatura inglesa na época do neocolonialismo. Cf, por exemplo, os trabalhos de Richard Hingley que caminham nesta direção de crítica ao conceito: HINGLEY, 1996, pp.35-48; HINGLEY, 2000; HINGLEY, 2002.

⁴ A tradução deste e dos demais textos em língua estrangeira é de nossa autoria.

⁵ Weeber, em um livro recente sobre os espetáculos romanos, afirma que Friedländer teve um papel importante na perpetuação deste paradigma depreciativo das camadas populares romanas (WEEBER, 1994, p.166).

⁶ Para apresentar estes dados biográficos nos baseamos nos comentários destas duas traduções das *Sátiras*: JUVENAL, *Satire*, 1998 e JUVENAL; PÉRSIO, *Sátiras*, 1991.

⁷ Cabe destacar aqui que Carcopino se baseia, principalmente, em Juvenal para descrever o meio de vida das camadas populares.

⁸ De acordo com suas próprias palavras: "(...) a cristandade romana apagou o crime de lesa humanidade com que os cézares do paganismo haviam maculado o Império em seus anfiteatros" (CARCOPINO, 1990, p.290). Esta tendência é seguida também por M. Grant em seu livro *Gladiators*, pois logo na introdução afirma que a única vantagem dos espetáculos de gladiadores foi a possibilidade da afirmação do cristianismo, que por respeito à vida baniu, definitivamente, esta nefasta instituição (GRANT, 1967, p.8).

⁹ Ressaltamos aqui um aspecto importante: esta idéia de que o "povo" romano poderia confrontar-se com o Imperador nos espetáculos já era defendida por Friedländer no século XIX. De acordo com este autor: "Por sua parte, os imperadores gostavam de aproveitar os espetáculos como a melhor ocasião para tomar contato com o povo reunido e ganhar suas simpatias mediante sua benevolência e sinceridade. Os que queriam ganhar fama de amigos do povo procuravam estar presente no maior número possível de espetáculos seus ou alheios" (FRIEDLÄNDER, 1947, p.500).

¹⁰ Como em alguns dos estudos sobre o tema publicados no Brasil, cf., por exemplo: ALMEIDA, 2000, pp.132-141; CORASSIN, 2000, pp.119-131.

¹¹ Segundo o autor, o Senado não aceitava a tirania, mas o povo, sim. Esta idéia está expressa em diversos momentos do item *O circo e a politização* (VEYNE, 1990a, pp.403, 406 e 407).

¹² A questão do evergetismo é muito discutida, também, entre os estudiosos de epigrafia. Muitos classicistas adotam o conceito *ipsis litteris*; no entanto, outros justificam a maneira que o empregarão em seu trabalho. Neste segundo caso, cf., por exemplo, ECK, 1997, pp.305-331.

¹³ A visão estática de História apresentada por Veyne é uma das principais críticas elaboradas por Oswyan Murray na introdução que escreveu para a tradução inglesa da obra. Cf.: MURRAY, O. "Introduction", (VEYNE, 1990a, p.XXI).

¹⁴ Embora utilize a idéia de *pão e circo*, Weeber apresenta uma série de críticas a ela (WEEBER, 1994, p.168).

¹⁵ Para a crítica da idéia de plebe ociosa na Grécia, cf. WOOD, 1988. Muitas de nossas reflexões foram possíveis graças à leitura deste trabalho, que, embora seja sobre a cultura grega, nos forneceu alternativas interessantes para repensar os conceitos empregados para o estudo da sociedade romana. No que se refere ao mundo romano, cf., por exemplo: ALFÖLDY, 1989; FAVERSANI, 1999; FUNARI, 1989. Embora estes autores diverjam em vários pontos, suas reflexões acerca das camadas populares são de fundamental importância para um maior conhecimento do cotidiano destes romanos que, por muito tempo, foram silenciados pela historiografia.